

Espera de quase três dias

ESSE É O TEMPO MÉDIO QUE GESTANTES E MÃES DE RECÉM-NASCIDOS AGUARDAM PARA SEREM ATENDIDAS NO DF

ANNA HALLEY

Em nenhum lugar do País as mulheres esperam tanto tempo por atendimentos ligados à gravidez quanto no Distrito Federal. A conclusão é de um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que mostra que o tempo médio de espera para esses casos na rede pública de saúde do DF é de quase três dias (66 horas), o triplo do índice nacional, de 20 horas. A deficiência no atendimento é confirmada pela própria Secretaria de Saúde.

O estudo, de autoria dos pesquisadores Alexandre Marinho e Simone de Souza Cardoso, é baseado em dados de internações do Sistema Único de Saúde (SUS) de 1999 e 2002, referentes a gravidez, parto e puerpério (pós-parto).

O trabalho mostra que o DF é, também, o lugar do Brasil onde a probabilidade de as mulheres que precisam de internação encontrarem todos os leitos ocupados é a maior – 65,7%. A média nacional é de 27%.

O tempo de espera verificado no DF está tão acima das outras unidades da federação que causou estranheza ao próprio autor da pesquisa. Para se ter uma idéia, o Amapá ficou em segundo lugar no ranking da demora, com média de 38 horas para atendimento – 28 horas a menos do que o DF.

"O resultado é tão ruim que realmente merece ser examinado com mais cuida-

do. Mas são dados oficiais do SUS, então posso garantir a qualidade da pesquisa", diz Marinho. O próprio estudo ressalta que os altos índices podem ser resultado de uma superposição de informações com o Estado de Goiás, provavelmente por causa da demanda de municípios do Entorno.

Esse não é o primeiro trabalho do pesquisador sobre filas na rede pública. "Já fiz um sobre internações em geral e o Ministério da Saúde se manifestou dizendo que tinha interesse nessa linha de pesquisa", conta. "Então resolvemos fazer o estudo específico sobre gestação, pois a demora no atendimento pode comprometer a saúde da mãe e do bebê", aponta Marinho.

MELHORA – Apesar de os dados do DF serem muito insatisfatórios, houve melhora de 1999 para 2002. Ao passo que os índices mais recentes mostram uma média de espera de dois dias, em 1999 a demora era de 12 dias.

"Posso dizer que de 2002 para cá não houve melhora. O que me dói é que teríamos as condições de oferecer um excelente atendimento. Nossa rede física é perfeita, mas o funcional é ruim", afirma o médico Avelar de Holanda, chefe do Núcleo de Atenção Integral à Saúde da Mulher da Secretaria de Saúde.

Para Holanda, os altos números do DF não são explicados unicamente por causa das pacientes que vêm

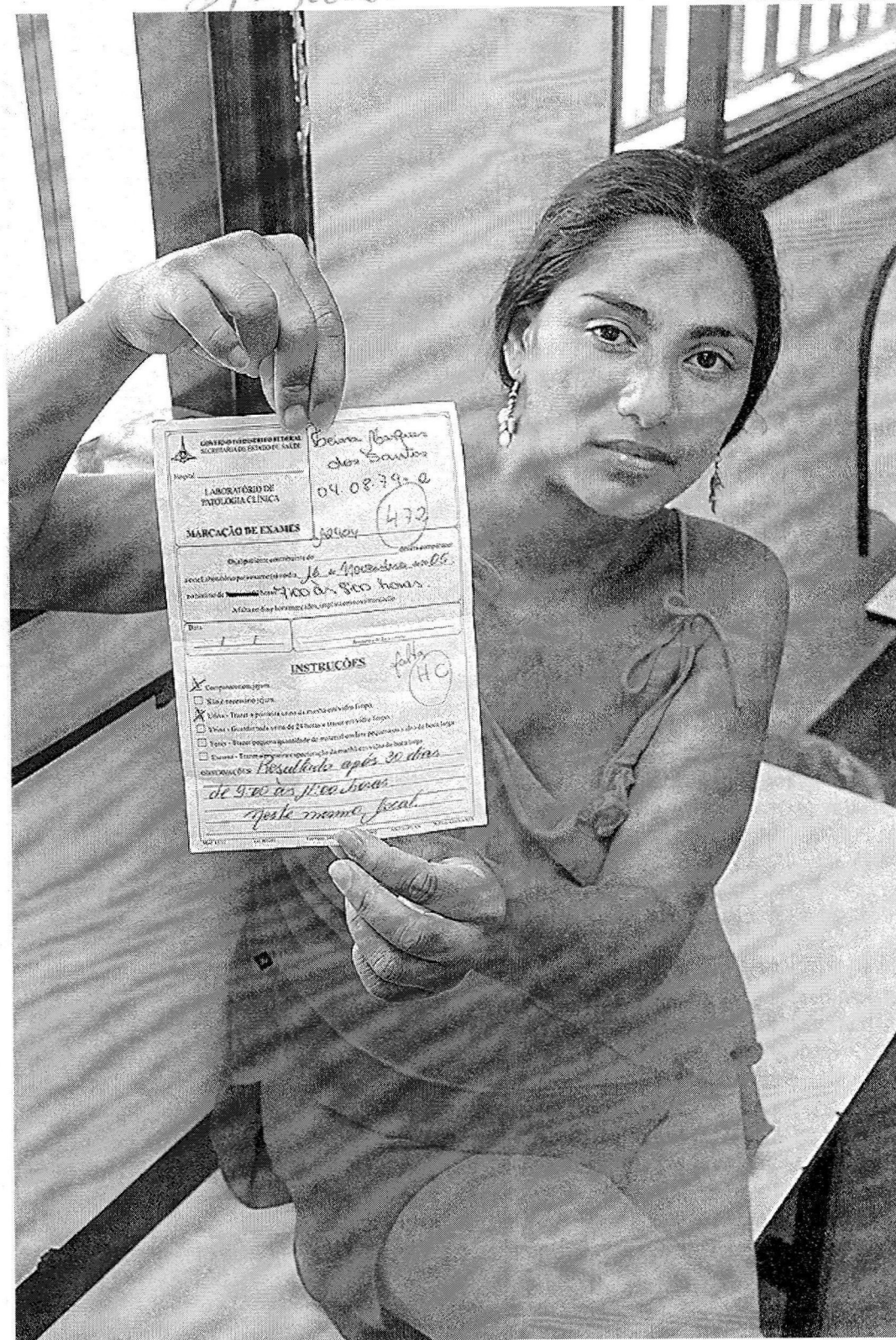
do Entorno. Ele esclarece que, em outras unidades da federação, hospitais particulares conveniados ao SUS realizam partos e oferecem assistência neonatal. "Mas eles costumam encaminhar casos de complicações para a rede pública. Então, nesses hospitais o atendimento costuma ser rápido", relata. O médico argumenta que, por isso, todos os hospitais e centros de saúde do DF têm grande demanda.

Na opinião de Holanda, falta vontade política para amenizar o sofrimento das mulheres. "Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), mulheres e crianças são prioridade. O futuro está nas crianças, que dependem da saúde das mulheres também. O problema é que essa área não é tratada como prioridade aqui", critica Holanda.

A diretora do Departamento de Programas Estratégicos do Ministério da Saúde, Cristina Boaretto, não questiona o estudo do Ipea. Mas ressalta que a assistência ao parto é um dos carros-chefes do SUS.

"No ano passado, 99% dos 2,3 milhões de partos realizados no Brasil foram hospitalares. O parto é o atendimento mais praticado no SUS", afirma.

Ela destaca, ainda, que a realização de pré-natal tem crescido no País. "De 2002 para 2004, passamos de uma média de duas consultas por gravidez para 5,1", diz a representante do governo federal.



FOTOS: FRANCISCO STUCKERT

A jovem Leina e sua gestação de risco: há quase três meses à espera do resultado de um exame